

CAMINHOS E ATALHOS DE UMA GEOGRAFIA INTIMA

<https://doi.org/10.4215/rm2025.e24003>

Jacinto, R.M.M. ^{a*}

(a) Doutor em Geografia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1405-3042>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/1159721170549060>.

Article history:

Received 30 October, 2024
Accepted 10 December, 2024
Published 10 January, 2025

(*) CORRESPONDING AUTHOR

Address: Universidade de Coimbra, Paço das Escolas, Centro, CEP: 3004531, Coimbra, Portugal. Tel: (351) 239441406
E-mail: rjacintomm@gmail.com

Resumo

O convívio pessoal, académico e científico com Lúcio Cunha ao longo de meio século despoletou este ensaio onde se relata a partir das nossas vivências, entre realidade e ficção, como práticas e modos de estar se interligam com a evolução da Escola de Geografia Coimbra. Com a Geografia em pano de fundo e a funcionar como traço de união o caminho percorrido foi fértil em complicitades e afetos que moldaram uma Geografia Íntima que será mapeada a partir de três coordenadas espaço-temporais: origem, peregrinação, regresso.

Palavras-chave: Geografia íntima; Geografia afetiva; Geografia de Coimbra; Lúcio Cunha.

Abstract / Resumen

WAY AND SHORTCUTS OF AN INTIMATE GEOGRAPHY

The personal, academic and scientific relationship with Lúcio Cunha over half a century prompted this essay, which recounts, based on our experiences, between reality and fiction, how practices and ways of being are interconnected with the evolution of the Coimbra School of Geography. With Geography in the background and functioning as a unifying feature, the path taken was fertile in complicity and affections that shaped an Intimate Geography that will be mapped from three space-time coordinates: origin, pilgrimage, return.

Keywords: Intimate geography; Affective geography; Geography of Coimbra; Lúcio Cunha.

CAMINOS Y ATAJOS DE UNA GEOGRAFÍA ÍNTIMA

La relación personal, académica y científica con Lúcio Cunha a lo largo de medio siglo motivó este ensayo, que relata, a partir de nuestras vivencias, entre la realidad y la ficción, cómo las prácticas y los modos de ser se interconectan con la evolución de la Escuela de Geografía de Coimbra. Con la Geografía en segundo plano y actuando como elemento unificador, el camino recorrido fue fértil en complicitades y afectos que moldearon una Geografía Íntima que será cartografiada a partir de tres coordenadas espacio-temporales: origen, peregrinación, retorno.

Palabras-clave: Geografía íntima; Geografía afectiva; Geografía de Coimbra; Lúcio Cunha.

INTRODUÇÃO

O presente texto foi preparado por altura da jubilação, em agosto de 2024, do geógrafo português Lúcio José Sobral da Cunha, colega de muitas jornadas de trabalho, cuja longa e prestigiada carreira universitária culminaria com a atribuição do título de Professor Emérito (2025) pelo reconhecimento das suas contribuições relevantes para a universidade. Após a Licenciatura em Geografia (1976), Lúcio Cunha fez o Doutoramento em Geografia Física (1989) com a tese *As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere – Estudo de Geomorfologia* e, após a Agregação (2002), ascendeu a Professor Catedrático (2004) na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Desempenhou altos cargos de gestão na Universidade de Coimbra, foi Diretor da FLUC, fez o acompanhamento científico, a coordenação pedagógica e lecionou diversas disciplinas relacionadas com as suas principais áreas de interesse científico: Geomorfologia (Geomorfologia cársica; Geomorfologia fluvial; Património geomorfológico; Riscos geomorfológicos), Geografia Física, Ordenamento do Território e Estudos Ambientais, Alterações Climáticas, Riscos Climáticos, Cartografia Automática e SIG's.

Lúcio Cunha participou em vários projetos de investigação e integrou diversas redes de investigadores internacionais, sobretudo no âmbito de parcerias com universidades do Brasil, foi coordenador do Grupo de Investigação Natureza e dinâmicas ambientais no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT). A proximidade pessoal, académica e científica permitiu partilhar alguns projetos e viver momentos ímpares que marcaram o convívio cúmplice de mais de meio século. Ao reviver este passado acabamos por lembrar a história da Escola de Geografia Coimbra e como certas passagens de nossos itinerários pessoais, apesar de distintos, tanto nos formataram. A Geografia foi sempre o traço de união que agregou compromissos, cumplicidades e afetos que moldaram uma certa Geografia Intima cujo mapeamento, a balancear entre realidade e ficção com laivos de algum realismo mágico, vamos esboçar a partir de três coordenadas espaço-temporais:

Origem: as pedras no meio do caminho foram sendo superadas pela camaradagem e compromissos provenientes de atividades à margem quase sempre mais importantes as do campo lúdico que do científico;

Peregrinação: viagens e errâncias além-fronteiras realizadas no âmbito de projetos em que participámos no país, em Cabo Verde e no Brasil inundaram o nosso imaginário com referências que alimentam *As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa* que continuamos a perseguir;

Retorno: demanda do futuro e dos lugares nunca visitados não é só um lema mas a convicção que a melhor maneira de honrar o nosso passado é estar vivo é continuar a viagem, real ou virtualmente, a procurar territórios desconhecidos onde acreditamos que se escondem os segredos do mundo.

UM TERRITÓRIO, UM CAMINHO: GEOGRAFIA, TRAÇO DE UNIÃO

As pedras falam? pois falam / mas não à nossa maneira, / que todas as coisas sabem / uma história que não calam. // Debaixo dos nossos pés / ou dentro da nossa mão / o que pensarão de nós? / O que de nós pensarão?
(Maria Alberta Meneres, *As pedras*)

As sucessivas gerações de estudantes que nos precederam em Coimbra chegaram à Universidade sentindo as mesmas aspirações e incertezas, bem resumidas por Fernando Namora: “Há dezoito anos que tropeço / - e eu sei lá bem / Nem tu o sabes também / Se alcançarei a planura” (Relevos, 1937). Quando entrámos no Curso de Geografia, no início dos anos setenta, a voz de Aristides de Amorim Girão ainda ecoava nos corredores da Faculdade de Letras e Alfredo Fernandes Martins, verdadeira lenda viva, exibia todo o seu garbo e dandismo entre o Bar e os corredores do 4º piso onde, nos intervalos das aulas, fazia as suas caminhadas rituais. Os caloiros olhavam para este cenário invulgar com distância, curiosidade e alguma apreensão. Com o andar dos anos alguns podiam ter o privilégio de aceder a este olimpo, serem convidados para alguma destas viagens iniciáticas.

A distância relativamente aos professores era compensada com a cumplicidade, subterraneamente estabelecida, com os funcionários do Instituto de Estudos Geográficos: o Senhor Pereira, qual imperador sem império, tentava manter a ordem numa Biblioteca profanada a cada instante pela irreverência estudantil (Tchiu! Cuidado que ele pode vir aí!); o Senhor Coroadado, mais reservado, mantinha-se acantonado no Gabinete de Desenho, antes de receber a companhia do extrovertido Vítor Torres; o Senhor Ferreira, timoneiro do jipe, testou vastas vezes as aptidões de às do volante nas veredas esconsas de montes e vales. Foi companheiro de aventura em muitas saídas de campo, viagens de estudo de grata memória que nos deram a conhecer o avesso dum país desconhecido e aquela Geografia que os livros nunca ensinam.

Era impossível conceber, então, que o Bar da FLUC assumiria tão insípida e insustentável leveza pós-moderna, que a sinalética do 4º piso viraria arqueologia, simples memória que testemunha a função para que tal espaço foi concebido: acolher e ensinar alunos. A Sala de Cartas e Relevos, as Salas de Trabalhos Práticos (TP1 e TP2), a Biblioteca, o Gabinete de Desenho e o Instituto de Estudos Geográficos, com os respetivos Gabinetes dos Professores, desenhavam o mapa da nossa Geografia sentimental, território que recebeu um reordenamento tecnocrático que o tornou imaculado mas lhe roubou a alma que lhe era dada pelo fervilhar vivo dos estudantes. O aumento do número de alunos e as exigências da inovação pedagógica que irrompeu com o 25 de Abril obrigaram a uma expansão e a inventar novos espaços de trabalho. A ocupação dum recanto do corredor e uma sala atribuída aos alunos para reuniões e trabalhos de grupo acabaram transformados em verdadeiros espaços de liberdade.

Em momentos mais nostálgicos o nosso espírito ainda vagueia por estes lugares plenos de memória, carregados duma topofilia própria, espaços de estudo, investigação, criação e convívio, quiçá, de salutares disputas, territoriais e outras. Este ecossistema funcionou, na prática, como espaço de co-working, antecipando as atuais incubadoras onde os poderes públicos tanto investem para criarem ambientes criativos de investigação, certamente mais artificiais do que aquele que aí se disfrutava.

Tais espaços de memória e afeto, formais e informais, apropriados e vividos, remetem-nos para um tempo irrepetível e para uma Faculdade à beira de ser varrida por uma onda de liberdade e mudança que chegou com fulgor e sem aviso prévio. Esta Geografia vivida e o correlativo mapa imaginário foram a marca identitária da Geografia de Coimbra antes do IEG migrar, por boas razões mas sem os consequentes resultados, para um novo espaço e receber, com o tempo, outros cognomes que apenas sinalizam o esbatimento da sua essência matricial enquanto a Geografia ia perdendo a magia de verdadeiro cimento agregador duma comunidade.

A Geografia foi o princípio e será, seguramente, o fim, a causa que abraçamos, o traço de união que cimentou uma cumplicidade intemporal. Não é possível esquecer o lado mais pessoal, os momentos passados entre o Avenal e a Quinta do Cadete, a Alta e a Baixa percorridas com colegas, como o Rui Marinheiro, à procura dum qualquer recanto para uma gastronómica confraternização. Assim se sedimentou uma amizade que resistiu à erosão do tempo.

ORIGEM: AS PEDRAS NO MEIO DO CAMINHO

Uma educação pela pedra: por lições; / Para aprender da pedra, freqüentá-la; (...) // No Sertão a pedra não sabe lecionar, / E se lecionasse, não ensinaria nada; / Lá não se aprende a pedra: lá a pedra, / Uma pedra de nascença, entranha a alma. (João Cabral Melo Neto, A Educação pela Pedra)

O envolvimento em atividades lúdico-culturais, complementares das académicas, reforçou a camaradagem. O gosto pela fotografia levou-nos ao Centro de Estudos de Fotografia da AAC e a passar tardes a revelar e a imprimir na câmara escura da Seção. As inesquecíveis aulas do Professor Alfredo Fernandes Martins (Fred) e as estórias enfeitadas pelo seu fértil imaginário, onde sobressaiam heróis como Marcel Loubens que se aventurou nas entranhas dos calcários e acabou a “descansar para a eternidade nas profundezas austeras do abismo”. Acabamos a praticar espeleologia e a percorrer as serras calcárias, aos fins de semana, com colegas doutros cursos, a fazer prospeção em campos de lapiez, a descer a grutas, a entrar em lapas.

O nomadismo dessa época foi propício para viagens à margem, escapadelas providenciais que tanto nos podiam levar ao Covão do Fetal, a Lisboa ou ao Pratas, depois das cinco da tarde, quando a Dona Ana estava a tirar as sardinhas da frigideira. Neste geografar extracurricular o António Gama foi providencial. Inspirador e instigante, abriu espaço para conversas ao acaso, leituras vadias, facultou livros desconhecidos, que não constavam das referências bibliográficas ou que ainda circulavam em restritos circuitos reservados. Retenho a *Épistémologie de la Géomorphologie* (Alain Reynaud, 1971), livro que nos facultou em 1973, como se tratasse duma nova bíblia. A inovação do conceito criou expectativa, fazia crer que as teses de Henry Bulig ou o discurso, então na moda, de Jean Tricart, radical e crítico, parecia remeter para as penumbras da história a geomorfologia dominante. A febre e avidez colocadas nestas demandas era o advento dum tempo novo prestes a eclodir sem anúncio prévio.

No momento das grandes escolhas, ficamos colocados na encruzilhada onde restavam duas Geografias antagónicas, a Física e a Humana, já que a terceira via, representada pela Geografia Regional, vista como um compromisso, padecia dum relativo descrédito por abusar de excessiva descrição. Se o exemplo dos Mestre nos empurrou para a Física, a decisão do objeto e da área de estudo teve a influência dos seus trabalhos de referências, que balanceavam entre os rios (o Vouga, o Mondego, o Dueça) e as serras (Maciço Calcário Estremenho, Serras de Valongo).

As margens da serra de Sicó foram calcorreadas para estudar o Dueça na sua seção mais a montante e, no meu caso, o modesto Rio dos Mouros, a montante do Canyon que é bem visível em Conímbriga. Rio sem água, quando as populações ainda o designavam por Caraglio Seco, consegue manter a autonomia possível enquanto subsidiário direto do Mondego antes de morrer, sem honra nem glória, nas valas adjacentes ao grande plaino aluvial. Namora, com raízes no Sicó profundo – seus pais eram de Vale Florido, Ansião –, reconhecia esta modéstia: "Ali, a dois passos da Vila, o Rio dos Mouros. Nasceu de um fio de água, do suor de uma rocha, entre urzes e montes. Ainda a meio da serra, é um ribeirito que não dá para matar a sede a um rebanho. Mas, depois, a terra começa, subitamente, a ficar brava, com penedos que têm o ar de montanhas, e o rio despenha-se entre os silvais e as fragas em som e espuma, com um fragor que, de inverno, com as cheias, estremece os ouvidos da serra e dos homens". Não admira que Alberto Caeiro tenha eternizado a modéstia de tantos destes ribeiros - "poucos sabem qual é o rio da minha aldeia / E para onde ele vai / E donde ele vem" - que, apesar de tudo, nos prendem à terra a que ficamos perenemente ligados por indizíveis laços afetivos.

A viagem às raízes que tais rios nos proporcionam levam-nos invariavelmente ao Sicó dos verdes anos, aos primórdios da investigação científica, a um tempo e a um espaço atualmente sem paralelo. Sicó é um território de fronteira litológica e hidrográfica, de separação entre as bacias hidrográficas do Mondego e do Tejo, de transição de modos de vida. Um rosário de surgências que bordejam o maciço são nascentes doutros tantos rios que irradiam em sentidos opostos: o Nabão, que corre para sul, em direção a Tomar, à procura do Tejo; o Dueça, Mouros, Anços e Arunca que partem para leste à procura do Mondego. Estamos num enclave, num espaço remoto, isolado, que era muito mais olvidado quando a pastorícia e uma agricultura rudimentar imperavam como modo de subsistência dos habitantes perdidos nos lugares dispersos entre as várias serras de Sicó (Rabaçal, Casmilo, Furadouro, Degracias, etc.).

A dicotómica geografia local coloca em confronto a pedra e a água, põe em oposição a serra (de Sicó) e o vale (do Mondego), o sequeiro e o regadio, implantado nas várzeas que digitam entre as ribeiras afluentes. A diversidade desta matriz física determina o uso e a organização do espaço, a diversidade dos modos de vida da população que habitava este território: o vinho, o azeite e o queijo do Rabaçal provenientes da serra complementam o milho, o arroz e as hortícolas produzidas no vale, nos regadios aluvionares encaixados entre tufos, barros e arenitos. Os serranos, azeiteiros e queijeiras das terras secas do calcário, desciam então ao mercado da vila de Condeixa, à terça e à sexta feira, para se encontrarem com os camponeses e os moleiros das várzeas para trocarem as novidades que a terra lhes oferecia à custa de muito esforço e suor.

PEREGRINAÇÃO: VIAGENS E ERRÂNCIAS ALÉM-FRONTÉIRAS

Peregrinação. Venho de um ermo que não existe / nas tuas rigorosas geografias / venho não sei de onde / e nem lá regressar poderei / porque nunca afinal lhe fixei a exacta / fórmula das suas nutrientes matrizes. (Fernando Namora, Nome para uma casa)

Após a licenciatura passámos a trilhar caminhos geográficos distintos e bem distantes. Reencontrámo-nos no limiar duma nova época propícia a outros rumos, quando o mundo se abriu e os nossos horizontes jamais se limitariam ao Sicó dos verdes anos. A adesão à CEE abre um novo capítulo para Portugal e para nós mesmos, com a subsequente internacionalização a ser potenciada pelo aumento do financiamento para a investigação. A Rede Atlantis, constituída em 1997, entre sete (7) universidades europeias e latino-americanas (Coimbra, Salamanca, Poitiers, Middlessex, Peru, México e UNESP-Presidente Prudente), coordenada pelos Professores José Manuel Pereira de Oliveira (UC) e Messias Modesto dos Passos (UNESP), foi o primeiro projeto de internacionalização apoiado pelo Programa Alfa. Geografia, Investigação para o Desenvolvimento (Geoide), projeto lançado neste âmbito, teve réplicas subsequentes que proporcionou outras cooperações com consequências mais amplas e duradouras, que se prolongaram até aos nossos dias. Outras iniciativas e novas parcerias com universidades do Brasil e de Cabo Verde alargaram a cooperação bilateral enquanto se formaliza o diálogo transfronteiriço, particularmente com Salamanca, no quadro do Centro de Estudos Ibéricos.

Os artigos escritos, os livros publicados, a participação em dezenas de seminários, as aulas e os cursos ministrados nas universidades daqueles países não resumem a importância nem o significado do que restou de três décadas de frutífera itinerância. O trabalho de campo que normalmente complementa estas atividades deixou memórias profundas e vivências impressionantes. A aprendizagem adquirida nestas viagens foi reforçada por vivências intensas e imersivas que nunca foram encaradas como voyeurismo ou turismo científico. Por isso, sempre houve relutância em as transformar em “artigos científicos” imediatos para simples rentabilização académica quantitativa, porque considerávamos superficiais, quase sempre rendidos ao tipicismo regional e local onde se releva o pitoresco ou certos episódios mais picarescos que são ideais para crónicas de jornal ou ilustrar guias turísticos.

Os múltiplos eventos e o trabalho de campo realizado neste âmbito permitiram compreender a vitalidade da Geografia praticada no Brasil, a sua verdadeira dimensão, a diversidade regional, a profundidade do seu interior, o real significado do Sertão. Esta errância permitiu contactar com terras remotas, conhecer gente diversa que enriqueceu e moldou, com tais vivências, a nossa Geografia mais Íntima. As etapas desta jornada comum levaram-nos a lugares tão contrastados como Presidente Prudente ou o Pontal do Paranapanema, Londrina e Ponta Grossa (Paraná), Bahia (além de Salvador a impressionante Cachoeira e S. Felix), S. Luís do Maranhão (Lençóis), Pantanal (Matos Grosso do Sul), Rio Grande do Sul (com todo o esplendor da Pampa), Paraíba (adentrando no Sertão para lá de Patos, onde chegam as águas do transvase do S. Francisco), Amazônia (Belém do Pará, Santarém, Rio Tapajós).

Cabo Verde foi um encantamento diferente pela proximidade afetiva, por ser uma leve introdução a África sem sair da Europa, uma aproximação ao Brasil sem passar o Equador. No Fogo andámos com Orlando Ribeiro, em Santiago com Ilídio do Amaral e Maria Luísa Ferro Ribeiro, no Mindelo seguimos o imaginário picaresco de Germano de Almeida, ouvimos Mayra Andrade que nunca apagará a voz mítica e o estilo único de Cesária. Só quando chegamos a Chã das Caldeiras, no Fogo, a Chã da Igreja, em Santo Antão, ou ao Tarrafal, em Santiago, nos apercebemos da verdadeira alma cabo-verdiana. Ao percorrer a marginal do Porto Grande, com o Monte Cara em pano de fundo, é que se compreende não ser ficção a afirmação que, em Cabo Verde, mornas são as noites.

Estas referências, que povoam o nosso imaginário, são legendas vivas dum mapa ainda em construção onde continuaremos a desenhar a incompleta Geografia do mundo. Estas referências, captadas ao acaso por onde se deambulou, são imprescindíveis para dar continuidade a um estudo onde tanto se investiu: As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa.

CONCLUSÃO

Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo... (Fernando Pessoa)

Um percurso de mais de meio século não se compadece nem pode resumir em tão limitado espaço. Na hora de balanço, quando se esquece todo o trabalho científico desenvolvido é a vida vivida que salta à memória, se impõe e acaba por prevalecer. Ao sentir as retinas tão fatigadas, sem esquecer as pedras encontradas no meio do caminho, é reconfortante voltar a percorrer caminhos percorridos em tão utópicas e inolvidáveis viagens.

Aqui chegados, quando se impõe a interrogação Nós como futuro é o próprio o autor da questão, Eduardo Lourenço, que dá a resposta mais consequente: “Povos e indivíduos só têm o passado à sua disposição. É com ele que imaginam o futuro”. A viagem continuará, acreditamos, em demanda de novos lugares nunca visitados, terras onde, verdadeiramente, julgamos estarem escondidos os verdadeiros segredos do mundo.

A digressão no tempo e no espaço relatada no presente ensaio é a interpretação subjetiva duma cumplicidade construída ao longo de meio século. As vivências, as práticas e os modos de estar na ciência são descritos num registo onde o realismo mágico se cruza com a ficção para espelhar dois percursos pessoais, académicos e científicos oriundos da Escola de Geografia Coimbra. A Geografia, que funcionou desde o primeiro momento como traço de união, tanto ditou os respetivos itinerários como teceu as cumplicidades com que se foi desenhando o mapa mais íntimo duma indelével afetividade.

Esta odisseia seguiu o tríptico comum à generalidade dos viajantes, como doutros migrantes e demais retirantes: origem, peregrinação e o sempre desejado regresso para um crepúsculo resignado. Porque queremos acreditar num regresso sem fim e numa inatingível eternidade recorreremos novamente ao incontornável Drumond para, com a devida vénia e o pedido de desculpas por tamanha profanação, plagiar os seus versos

E agora, [Lúcio] José? / A festa [não] acabou, / a luz [não] apagou, / o povo [não] sumiu, / a noite [não] esfriou.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C.; GAMA, A.; CRAVIDÃO, F. D.; CUNHA, L.; FERNANDES MARTINS, P.; JACINTO, R. (2006) – Alfredo Fernandes Martins, geógrafo de Coimbra, cidadão do Mundo. IEG, CEG, Coimbra, 230 p.

ALMEIDA, A. C.; GAMA, A.; CRAVIDÃO, F. D.; CUNHA, L.; JACINTO, R. (2003) – Fragmentos de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as Metamorfoses de um País. IEG, CEG, Coimbra, 358 p.

CUNHA, L. (1988) - As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere – Estudo de Geomorfologia. Coimbra, 329 p. (Diss. doutoramento; policopiado).

CUNHA, L. e JACINTO, R. (1992) - A questão ambiental e a sua percepção em Portugal. Actas do VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto, pp. 1061-1074.

CUNHA, L. e JACINTO, R. (2011) - Turismo e coesão dos espaços insulares – Cabo Verde e a valorização das suas paisagens. Congresso Internacional Turismo, Lazer e Cultura, realizado em Coimbra de 27 a 29 de Setembro.

CUNHA, L. e JACINTO, R. (2012) – “O Brasil na Universidade de Coimbra: um diálogo de Geografias”. In A Universidade de Coimbra e o Brasil. Percurso inconobibliográfico. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 61-70.

CUNHA, L. e JACINTO, R. (2013) – “Turismo e desenvolvimento dos territórios insulares. Apontamentos para uma Geografia do Turismo em Cabo Verde”. In Cravidão, F. e Santos, N. – Turismo e cultura. Destinos e competitividade. Coimbra, IUC, pp. 507-543.

CUNHA, L. e JACINTO, R. (2014) – As novas Geografias dos países de língua portuguesa. Relato de uma experiência de investigação em rede sobre a Geografia lusófona. In Cunha, L. e Jacinto, R. – Paisagens e dinâmicas territoriais em Portugal e no Brasil. As novas Geografias dos países de língua portuguesa. Iberografias, CEI, Guarda, 26, pp. 7-13.

CUNHA, L. e JACINTO, R. (2022) - Lição de geografia magrebina ou a homenagem possível a Cristina Robalo Cordeiro. In M. ANACLETO, C. ANDRÉ e A. PITA - Une valse à mille temps para Cristina Robalo Cordeiro, Coimbra, IUC, pp. 215-223.

JACINTO, R. e CUNHA, L. (2008) - Jardins da Beira: educação ambiental e interpretação dos espaços naturais do Centro de Portugal. Iberografias, Revista do Centro de Estudos Ibéricos, Guarda, 4, pp. 161-171.

JACINTO, R. e CUNHA, L. (2011) – Interioridade / Insularidade – Despovoamento / Desertificação. Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde. Centro de Estudos Ibéricos, Guarda, 414 p.

JACINTO, R. e CUNHA, L. (2017) - Geografia de Moçambique. Um olhar a partir da Geografia portuguesa. Iberografias, CEI, Guarda, 13, pp. 49-70.

JACINTO, R. e CUNHA, L. (2023) – O espaço urbano do Porto: à guisa de prefácio. In Oliveira, J. M. P. O espaço Urbano do Porto

Afiliação dos Autores

Jacinto, R.M.M. - Pesquisador na Universidade de Coimbra, Lisboa, Portugal.

Contribuição dos Autores

Jacinto, R.M.M. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.

Editores Responsáveis

Alexandra Maria Oliveira
Alexandre Queiroz Pereira